

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

OUTUBRO DE 1864

Nº 10

O Sexto Sentido e a Visão Espiritual

ENSAIO TEÓRICO SOBRE OS ESPELHOS MÁGICOS

Dá-se o nome de *espelhos mágicos* a objetos, geralmente de reflexos brilhantes, tais como gelo, placas metálicas, garrafas, vidros, etc., nos quais certas pessoas vêem imagens que lhes projetam acontecimentos afastados, passados, presentes e, por vezes, futuros, e as põem em condição de responder às perguntas que lhes são dirigidas. O fenômeno não é excessivamente raro. Os espíritos fortes os tacham de crença supersticiosa, efeito da imaginação, charlatanismo, como tudo o que não podem explicar pelas leis naturais conhecidas; o mesmo se dá com todos os efeitos sonambúlicos e mediúnicos. Mas se o fato existe, sua opinião não poderia prevalecer contra a realidade, e se é mesmo forçado a admitir a existência de uma nova lei, ainda não observada.

Até agora não nos estendemos sobre este assunto, a despeito dos numerosos fatos que nos eram relatados, porque temos por princípio não afirmar senão o que podemos dar conta, já que é nosso hábito, tanto quanto possível, dizer o como e o porquê das coisas, isto é, juntar ao relato uma explicação racional.

Mencionamos o fato com o testemunho de pessoas sérias e respeitáveis; mas, admitindo a possibilidade do fenômeno e, mesmo, a sua realidade, ainda não tínhamos visto com suficiente clareza a que lei podia ligar-se para ficar em condições de dar-lhe uma solução. Daí por que nos abstermos. Além disso, os relatos que tínhamos à vista podiam estar carregados de exagero; faltavam, sobretudo, certos detalhes de observação, os únicos que podem ajudar a fixar as idéias. Agora que vimos, observamos e estudamos, podemos falar com conhecimento de causa.

Inicialmente vamos relatar, de modo sumário, os fatos que testemunhamos. Não pretendemos convencer os incrédulos; queremos apenas tentar esclarecer um ponto ainda obscuro da ciência espírita.

Durante a excursão espírita que fizemos este ano, tendo ido passar alguns dias na casa do Sr. de W..., membro da Sociedade Espírita de Paris, no cantão de Berna, na Suíça, este último nos falou de um camponês das cercanias, torneiro de profissão, que goza da faculdade de descobrir fontes e de ver num copo as respostas às perguntas que lhe fazem. Para a descoberta das fontes, algumas vezes ele se transporta aos lugares, servindo-se da varinha usada em semelhantes casos; outras vezes, sem se deslocar, serve-se de seu copo e dá as indicações necessárias. Eis um notável exemplo de sua lucidez:

Na propriedade do Sr. de W... havia um conduto de águas muito extenso; mas, em razão de certas causas locais, acharam melhor que a captação da água fosse mais próxima. A fim de poupar, na medida do possível, escavações inúteis, o Sr. de W... recorreu ao descobridor de fontes. Este, sem deixar o seu quarto, lhe disse, olhando o seu copo: “No percurso dos tubos existe uma outra fonte; está a tantos pés de profundidade, abaixo do décimo quarto tubo, a partir de tal ponto.” A coisa foi encontrada tal qual ele o havia indicado. A ocasião era muito favorável para ser

aproveitada, no interesse de nossa instrução. Então fomos à casa desse homem, com o Sr. e a Sra. de W.. e duas outras pessoas. Algumas informações por ele dadas não deixam de ser úteis.

Trata-se de um homem de sessenta e quatro anos, bem alto, magro, de boa saúde, embora aleijado e andando com dificuldade. É protestante, muito religioso e faz suas leituras habituais da Bíblia e de livros de preces. Sua enfermidade, conseqüente a uma doença, data da idade de trinta anos. Foi nessa época que a faculdade se lhe revelou. Diz que foi Deus que lhe quis dar uma compensação. Sua fisionomia é expressiva e alegre, o olhar vivo, inteligente e penetrante. Só fala o dialeto alemão da região e não entende uma palavra de francês. É casado e pai de família; vive do produto de alguns pedaços de terra e de seu trabalho pessoal, de modo que, sem estar folgado, não passa por necessidades.

Quando pessoas desconhecidas se apresentam em sua casa para o consultar, seu primeiro movimento é de desconfiança; perscruta de certo modo as suas intenções e, por pouco favorável que seja essa impressão, responde que só se ocupa de fontes e recusa qualquer experiência com o copo. Nega-se, sobretudo, a responder a perguntas que tenham por objetivo a cupidez, tais a busca de tesouros, as especulações arriscadas, ou a realização de algum propósito mau; numa palavra, a todas as que possam chocar a lealdade e a delicadeza. Diz que Deus lhe retiraria a faculdade, caso se ocupasse dessas coisas. Quando alguém lhe é apresentado por pessoas de conhecimento, ou desperte a sua simpatia, logo sua fisionomia se torna aberta e benevolente. Se o motivo pelo qual se o interroga for sério e útil, ele se interessa e condescende nas buscas; mas se as perguntas forem fúteis e de mera curiosidade, ou se a ele se dirigem como a um ledor de buena-dicha, não responde.

Graças à presença e à recomendação do Sr. de W.. tivemos a felicidade de ser bem recebido por ele, não tendo senão que demonstrar satisfação pela sua cordial acolhida e boa vontade.

Esse homem revela a mais completa ignorância no que concerne ao Espiritismo; não tem a menor idéia dos médiuns, nem das evocações, das intervenções dos Espíritos ou da ação fluídica. Para ele, sua faculdade está nos nervos, numa força que não sabe explicar, nem jamais buscou compreender, porque, quando lhe pedimos que dissesse de que maneira via em seu copo, pareceu-nos que era a primeira vez que sua atenção era despertada para tal ponto. Isto, para nós, era coisa essencial; não foi senão depois de algumas perguntas sucessivas que chegamos a compreender ou, melhor, a destrinçar o seu pensamento.

Seu copo é um copo comum para água, vazio, mas é sempre o mesmo; só tem essa serventia e não deveria utilizar outro. Na previsão de um acidente, foi-lhe indicado onde podia encontrar outro copo para substituí-lo. Havendo conseguido um, guarda-o de reserva. Quando o interroga, segura-o na palma da mão e olha no seu interior; se o copo for colocado na mesa, nada vê. Quando fixa o olhar no fundo, parece que os olhos se velam por um instante, mas logo retomam seu brilho habitual; então, olhando alternativamente para o copo e para os interlocutores, fala como de costume, dizendo o que vê, respondendo às perguntas de maneira simples, natural e sem ênfase. Em suas experiências não faz invocação, não emprega sinais cabalísticos nem pronuncia fórmulas ou palavras sacramentais. Quando lhe fazem uma pergunta, ele concentra a atenção e a vontade no assunto proposto, olhando no fundo do copo, onde se formam instantaneamente as imagens das pessoas e das coisas relativas ao tema de que se ocupa. Quanto às pessoas, descreve-as do ponto de vista físico e moral, como o faria um sonâmbulo lúcido, de maneira a não deixar nenhuma dúvida quanto à sua identidade. Também descreve, com maior ou menor precisão, lugares que não conhece, destruindo, assim, a idéia de que aquilo que vê seja produto da sua imaginação. Quando disse ao Sr. de W... que a fonte estava a tantos pés abaixo do décimo quarto tubo, por certo não podia tomá-lo do seu próprio cérebro. Para se

tornar mais inteligível, ele se serve, em caso de necessidade, de um pedaço de giz, com o qual traça, na mesa, pontos, círculos, linhas de vários tamanhos, indicando as pessoas e os lugares de que fala, sua posição relativa, etc., de modo a não ter senão que as mostrar quando volta a elas, dizendo: É este que faz tal coisa, ou é em tal ponto que tal coisa se passa.

Certo dia uma senhora o interrogava quanto à sorte de uma mocinha, raptada por ciganos há mais de quinze anos, sem que, desde então, jamais tivessem tido notícias suas. Partindo, à maneira dos sonâmbulos, do local onde a coisa se dera, seguia os traços da menina que, dizia, via no copo, e que, segundo ele, tinha seguido pelas bordas de uma grande água, isto é, o mar. Afirmou que vivia e descreveu sua situação, sem, contudo, ser capaz de precisar o local de sua residência, pois ainda não havia chegado o momento de ser devolvida à sua mãe; que, antes, seria preciso se realizassem certas coisas que especificou, e que uma circunstância fortuita levasse a mãe a reconhecer a filha. A fim de melhor precisar a direção a seguir para encontrá-la, pediu que de outra vez lhe trouxessem uma carta geográfica. O mapa lhe foi mostrado em nossa presença, no dia de nossa visita; mas, porque não tivesse nenhuma noção de geografia, foi preciso explicar-lhe o que representava o mar, os rios, as cidades, as estradas e as montanhas. Então, pondo o dedo sobre o ponto de partida, indicou o caminho que levava ao lugar em questão. Embora houvesse decorrido algum tempo desde a primeira consulta, recordou-se perfeitamente de tudo quanto havia dito e foi o primeiro a falar da mocinha, antes mesmo que o interrogassem.

Como a questão ainda não fora esclarecida, nada podemos prejudicar quanto ao resultado de suas previsões. Diremos apenas que, em relação às circunstâncias passadas e conhecidas, ele tinha visto com total precisão. Citamos o caso apenas como exemplo de sua maneira de ver.

Pelo que nos respeita pessoalmente, também pudemos constatar a sua lucidez. Sem pergunta prévia e, mesmo, sem que pensássemos no caso, ele nos falou espontaneamente de uma afecção que nos faz sofrer há algum tempo, cujo termo fixou. E, coisa notável, esse termo é o mesmo indicado pela sonâmbula, Sra. Roger, que tínhamos consultado sobre o assunto, seis meses antes.

Ele não nos conhecia nem de vista, nem de nome; e embora lhe fosse difícil compreender a natureza dos nossos trabalhos, em razão de sua ignorância, indicou claramente, por meio de circunlóquios, imagens e expressões à sua maneira, o seu objetivo, as suas tendências e os resultados inevitáveis. Sobretudo este último ponto parecia interessá-lo vivamente, pois repetia sem cessar que a coisa deveria realizar-se, que a ela estávamos destinado desde o nascimento, e que nada se lhe poderia opor. Por si mesmo falou da pessoa chamada a continuar a obra depois da nossa morte, dos obstáculos que certos indivíduos procuravam lançar em nosso caminho, das rivalidades ciumentas e das ambições pessoais; designou de maneira inequívoca os que podiam utilmente nos secundar e aqueles dos quais devíamos desconfiar, voltando sempre sobre uns e outros com certa obstinação; por fim entrou em detalhes circunstanciados de perfeita justeza, tanto mais notáveis quanto a maioria deles não eram provocados por nenhuma pergunta, coincidindo, em todos os pontos, com as revelações muitas vezes feitas por nossos guias espirituais, para o nosso governo.

Esse gênero de pesquisas escapava totalmente dos hábitos e dos conhecimentos desse homem, como ele próprio o dizia. Várias vezes repetiu: “Digo aqui muitas coisas que não diria a outros, porque não compreenderiam; mas *ele* (designando-nos) me compreende perfeitamente.” Com efeito, havia coisas intencionalmente ditas em meias palavras, só inteligíveis para nós. Vimos no fato uma marca especial da benevolência dos Espíritos bons que, por esse meio novo e inesperado, quiseram

confirmar as instruções que nos haviam dado em outras circunstâncias e, ao mesmo tempo, oferecer-nos um assunto de observação e de estudo.

Para nós, está comprovado que este homem é dotado de uma faculdade especial e que, realmente, ele vê. Vê sempre certo? Esta não é a questão; basta que tenha visto muitas vezes para constatar a existência do fenômeno. A infalibilidade não é dada a ninguém na Terra, já que aqui ninguém goza da perfeição absoluta. Como vê ele? Eis o ponto essencial, que só pode ser deduzido pela observação.

Em conseqüência de sua falta de instrução e dos preconceitos do meio em que sempre viveu, está imbuído de certas idéias supersticiosas, que mistura com os seus relatos. É assim, por exemplo, que acredita na influência dos planetas sobre o destino das criaturas e na dos dias felizes e infelizes. Conforme o que tinha visto de nós, deveríamos ter nascido não sabemos sob que signo; deveríamos abster-nos de empreender coisas importantes em certo dia da Lua. Não tentamos dissuadi-lo, o que certamente não conseguiríamos e só teria servido para perturbá-lo. Mas o fato de ele ter algumas idéias falsas não constitui motivo para negar a faculdade que possui, como a presença do joio num monte de trigo não significa ausência de grãos de boa qualidade. Do mesmo modo, porque nem sempre um homem vê certo, não se segue absolutamente que não veja.

Quando mais ou menos se deu conta do fim e dos resultados de nossos trabalhos, perguntou muito seriamente e com certa ansiedade ao ouvido do Sr. de W... se por acaso teríamos encontrado o sexto livro de Moisés. Ora, segundo uma tradição popular em algumas localidades, Moisés teria escrito um sexto livro, contendo novas revelações e a explicação de tudo o que há de obscuro nos cinco primeiros. Conforme a mesma tradição, o livro será descoberto um dia. Se alguma coisa pode dar a chave de todas

as alegorias das *Escrituras*, é, seguramente, o Espiritismo, que, assim, realizaria a idéia vinculada ao pretense sexto livro de Moisés. É muito singular que esse homem haja concebido tal idéia.

Um exame atento dos fatos acima demonstra completa analogia entre esta faculdade e o fenômeno designado sob o nome de *segunda vista*, *dupla vista* ou *sonambulismo desperto*, e que é descrito em *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII: *Emancipação da alma*, e em *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV. Ela tem, pois, o seu princípio na propriedade irradiante do fluido perispiritual que, em certos casos, permite à alma perceber coisas a distância, ou seja, a *emancipação da alma*, que é uma lei da Natureza. Não são os olhos que vêem; é a alma que, por seus raios, atingindo um ponto dado, exerce sua ação exteriormente e sem o concurso dos órgãos corporais. Esta faculdade é muito mais comum do que se pensa e se apresenta com graus de intensidade e de aspectos muito diversos, conforme os indivíduos: nuns ela se manifesta pela percepção permanente ou acidental, mais ou menos clara, das coisas afastadas; noutros, pela simples intuição dessas mesmas coisas; em outros, enfim, pela transmissão do pensamento. É de notar que muitos a possuem sem o suspeitar e, sobretudo, sem se darem conta; ela é inerente ao seu ser, e lhes parece tão natural como a faculdade de ver pelos olhos; muitas vezes, mesmo, confundem as duas percepções. Se se lhes perguntar como vêem, na maioria das vezes não sabem explicar melhor do que explicariam o mecanismo da visão ordinária.

O número de pessoas que gozam espontaneamente dessa faculdade é muito considerável, de modo que ela independe de um aparelho qualquer. O copo de que esse homem se serve é um acessório que só lhe é útil por hábito, pois constatamos que em várias circunstâncias ele descrevia as coisas sem o olhar. Pelo que nos concerne, notadamente falando de indivíduos, ele os indicava com o giz, por sinais característicos de suas qualidades e de sua posição. Era, sobretudo, sobre esses sinais que ele falava, olhando a mesa, sobre a qual parecia ver tão bem quanto no copo, que

apenas olhava; mas, para ele, o copo é necessário, e eis como o podemos explicar:

A imagem que ele observa forma-se nos raios do fluido perispiritual, que lhe transmitem a sua sensação; concentrando-se sua atenção no fundo do copo, para aí dirige os raios fluídicos e, muito naturalmente, a imagem aí se concentra, como se se concentrasse sobre um objeto qualquer: num copo de água, numa garrafa, numa folha de papel, num mapa ou num ponto vago do espaço. É um meio de fixar o pensamento e o circunscrever, e estamos convencidos de que quem quer que exerça tal faculdade com o auxílio de um objeto material verá igualmente bem com um pouco de exercício e com a firme vontade de o dispensar.

Contudo, admitindo-se, o que ainda não está provado, que o objeto possa agir sobre certas organizações, à maneira dos excitantes, de modo a provocar o desprendimento fluídico e, em consequência, o isolamento do Espírito, há um fato capital, adquirido pela experiência: é que não existe nenhuma substância especial que, a tal respeito, desfrute de uma propriedade exclusiva. O homem em questão só vê num copo vazio, seguro na palma da mão; não pode ver noutro copo e nem mesmo em seu próprio copo, desde que colocado de outro modo. Se a propriedade fosse inerente à substância e à forma do objeto, por que dois objetos, da mesma natureza e da mesma forma, não a possuiriam para o mesmo indivíduo? Por que o que tem efeito sobre um não o teria sobre outro? Por que, enfim, tantas pessoas possuem essa faculdade sem o concurso de nenhum aparelho? É, como dissemos, porque a faculdade é inerente ao indivíduo, e não ao copo. A imagem forma-se nele mesmo, ou, melhor, nos raios fluídicos que dele emanam. A bem dizer, o copo não oferece senão o reflexo dessa imagem: é um efeito, e não uma causa. Tal a razão por que nem todos vêem no que se convencionou chamar *espelhos mágicos*. Para isto não basta a visão *corporal*; é necessário ser dotado da faculdade chamada *dupla vista*, que seria designada, mais

apropriadamente, *visão espiritual*. E isto é tão verdadeiro que certas pessoas vêem perfeitamente com os olhos fechados.

A *visão espiritual* é, na realidade, o *sexto sentido* ou *sentido espiritual*, de que tanto se falou e que, como os demais sentidos, pode ser mais ou menos obtuso ou sutil. Ele tem como agente o fluido perispiritual, como a visão corporal tem por agente o fluido luminoso. Assim como a irradiação do fluido luminoso leva a imagem dos objetos à retina, a irradiação do fluido perispiritual leva à alma certas imagens e certas impressões. Esse fluido, como todos os outros, tem seus efeitos próprios, suas propriedades *sui generis*.

Sendo o homem composto de Espírito, perispírito e corpo, durante a vida as percepções e sensações se produzem, ao mesmo tempo, pelos sentidos orgânicos e pelo *sentido espiritual*; depois da morte os sentidos orgânicos são destruídos, mas, restando o perispírito, o Espírito continua a perceber pelo sentido espiritual, cuja sutileza aumenta em razão do desprendimento da matéria. O homem em que tal sentido é desenvolvido, goza, assim, por antecipação, de uma parte das sensações do Espírito livre. Embora amortecido pela predominância da matéria, nem por isto o sentido espiritual deixa de produzir sobre todos os homens uma multidão de efeitos reputados maravilhosos, por falta de conhecimento do princípio.

Estando na Natureza, já que se prende à constituição do Espírito, essa faculdade existiu em todos os tempos; mas, como todos os efeitos cuja causa é desconhecida, a ignorância a atribuía a causas sobrenaturais. Os que a possuíam em grau eminente podiam dizer, saber e fazer coisas acima do alcance vulgar; dentre estes, uns eram acusados de pactuar com o diabo; qualificados de feiticeiros, eram queimados vivos, enquanto outros foram beatificados, como tendo o dom dos milagres, quando, na realidade, tudo se reduzia à aplicação de uma lei natural.

Voltemos aos *espelhos mágicos*. A palavra *magia*, que outrora significava *ciência dos sábios*, perdeu sua significação primitiva devido ao abuso que dela fizeram a superstição e o charlatanismo. Está hoje desacreditada com razão e cremos difícil reabilitá-la, por achar-se, desde então, ligada à idéia das operações cabalísticas, dos formulários de feiticeiros, dos talismãs e de uma imensidão de práticas supersticiosas, condenadas pela sã razão. Declinando de toda solidariedade com essas pretensas ciências, o Espiritismo deve evitar apropriar-se de termos que possam falsear a opinião no que lhe diz respeito. No caso de que se trata, a qualificação de *mágico* é tão imprópria quanto a de *feiticeiros*, atribuída aos médiuns. A designação desses objetos sob o nome de *espelhos espirituais* parece-nos mais exata, porque lembra o princípio em virtude do qual se produzem os efeitos. À nomenclatura espírita podemos, pois, juntar os nomes de *visão espiritual*, *sentido espiritual* e *espelhos espirituais*.

Posto que a natureza, a forma e a substância desses objetos são coisas indiferentes, compreende-se que indivíduos dotados da *visão espiritual* vejam na borra de café, na clara dos ovos, na palma das mãos e nas cartas o que outros vêem num copo de água, dizendo, por vezes, coisas certas. Esses objetos e suas combinações não têm qualquer significado; são apenas um meio de fixar a atenção, um pretexto para falar, a bem dizer um suporte, pois é de notar que, no caso, o indivíduo apenas os olha, apesar de julgar faltar-lhe algo, se não os tiver à frente; ficaria desorientado, como ficaria o nosso homem, caso não tivesse o seu copo na mão; teria dificuldade para falar, como certos oradores que nada sabem dizer se não estiverem em seu lugar habitual, ou se não tiverem na mão um caderno, embora não o leiam.

Mas se há algumas pessoas sobre as quais esses objetos produzem o efeito de *espelhos espirituais*, há também muita gente que, não tendo outra faculdade senão a de ver pelos olhos, e possuir a linguagem convencional afetada a esses sinais, iludem os

outros ou a si mesmos; depois a igualmente numerosa multidão dos charlatães, que exploram a credulidade. Só a superstição pôde consagrar o uso de tais processos, como meio de adivinhação e de uma porção de outros, que não têm mais valor, atribuindo uma virtude a palavras, uma significação a sinais materiais, a combinações fortuitas, sem qualquer ligação necessária com o objeto da pergunta ou do pensamento.

Dizendo que com a ajuda de tais processos certas pessoas podem, às vezes, dizer verdades, não é nosso propósito reabilitá-las na opinião pública, mas mostrar que as idéias supersticiosas por vezes têm sua origem num princípio verdadeiro, desnaturado pelo abuso e pela ignorância. O Espiritismo, ao tornar conhecida a lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, destrói, por isso mesmo, as idéias falsas que se tinham feito sobre tais relações, como a lei da eletricidade destruiu, não o raio, mas as superstições engendradas pela ignorância das verdadeiras causas do raio.

Em síntese, a visão espiritual é um dos atributos do Espírito e constitui uma das percepções do sentido espiritual; por conseguinte, é uma lei da Natureza.

Sendo o homem um Espírito encarnado, possui os atributos do Espírito e, portanto, as percepções do sentido espiritual.

Em estado de vigília essas percepções geralmente são vagas, difusas e, por vezes, até insensíveis e inapreciáveis, porque amortecidas pela atividade preponderante dos sentidos materiais. Todavia, pode dizer-se que toda percepção extracorpórea é devida à ação do sentido espiritual que, no caso, supera a resistência da matéria.

Em estado de sonambulismo natural ou magnético, de hipnotismo, de catalepsia, de letargia, de êxtase e, mesmo, no sono

ordinário, estando os sentidos corporais momentaneamente adormecidos, o sentido espiritual se desenvolve com mais liberdade.

Toda causa exterior tendente a entorpecer os sentidos corporais provoca, por isto mesmo, a expansão e a atividade do sentido espiritual.

As percepções pelo sentido espiritual não estão isentas de erro, desde que o Espírito encarnado pode ser mais ou menos adiantado e, conseqüentemente, mais ou menos apto a julgar as coisas sensatamente e compreendê-las, e porque ainda sofre a influência da matéria.

Uma comparação fará melhor compreender o que se passa nesta circunstância. Na Terra, aquele que tem melhor visão pode ser enganado pelas aparências. Por muito tempo o homem acreditou no movimento do Sol. Necessitava da experiência e das luzes da Ciência para mostrar-lhe que era joguete de uma ilusão. Assim, há Espíritos pouco adiantados, encarnados ou desencarnados, que ignoram muitas coisas do mundo invisível, como sucede, aliás, com certos homens inteligentes, que ignoram muitas coisas da Terra; a visão espiritual só lhes mostra o que sabem e não basta para lhes dar os conhecimentos que lhes faltam; daí as aberrações e as excentricidades que se nota com tanta freqüência nos *videntes* e nos extáticos, sem contar que sua ignorância os põe, mais que outros, à mercê dos Espíritos enganadores, que lhes exploram a credulidade e, mais ainda, o seu orgulho. Eis por que haveria imprudência em aceitar suas revelações sem controle. Não se deve perder de vista que estamos na Terra, num mundo de expiação, onde abundam os Espíritos inferiores e onde os Espíritos realmente superiores são exceções. Nos mundos adiantados dá-se exatamente o contrário.

As pessoas dotadas de visão espiritual podem ser consideradas médiuns? Sim e não, conforme as circunstâncias. A

mediunidade consiste na intervenção dos Espíritos; o que se faz por si mesmo não é um ato mediúnico. Aquele que possui a visão espiritual vê pelo seu próprio Espírito e nada implica a necessidade do concurso de um Espírito estranho; ele não é médium porque vê, mas por suas relações com outros Espíritos. Conforme sua natureza boa ou má, os Espíritos que o assistem podem facilitar ou entravar sua lucidez, lhe fazer ver coisas justas ou falsas, o que também depende do objetivo a que se propõe e da utilidade que possam apresentar certas revelações. Aqui, como em todos os outros gêneros de mediunidade, as questões fúteis e de curiosidade, as intenções não sérias, os objetivos cúpidos e interesseiros, atraem os Espíritos levianos, que se divertem à custa das pessoas excessivamente crédulas e se comprazem em mistificá-las. Os Espíritos sérios só intervêm nas coisas sérias, e *o vidente mais bem dotado nada verá se não lhe for permitido responder ao que perguntam, ou ser perturbado por visões ilusórias, a fim de punir os curiosos indiscretos.* Embora possua sua própria faculdade, e por mais transcendente que ela seja, nem sempre é livre para usá-la à vontade. Muitas vezes os Espíritos lhe dirigem o emprego e, se dela abusa, será o primeiro punido pela intromissão dos Espíritos maus.

Resta um ponto importante a esclarecer: o da previsão de acontecimentos futuros. Compreende-se a visão das coisas presentes, a visão retrospectiva do passado; mas como pode a visão espiritual dar a certos indivíduos o conhecimento do que ainda não existe? Para não nos repetirmos, aludimos ao nosso artigo do mês de maio de 1864, sobre a *teoria da presciência*, onde a questão é tratada de maneira completa. Apenas acrescentaremos algumas palavras. Em princípio, o futuro é oculto ao homem por motivos tantas vezes já expostos; só excepcionalmente lhe é revelado e, além disso, ele é mais *pressentido* do que *predito*. Para o conhecer, Deus não deu ao homem nenhum meio certo. É, pois, em vão que este emprega, para tal finalidade, uma imensidão de processos inventados pela superstição, e que o charlatanismo explora em seu proveito. Se, por vezes, entre os ledores de buena-dicha,

profissionais ou não, alguns são dotados da visão espiritual, é de notar que vêem no passado e no presente com uma freqüência muito maior que no futuro. Seria, pois, uma imprudência confiar de maneira absoluta em suas predições e, em conseqüência, regular sua conduta.

Transmissão do Pensamento

MEU FANTÁSTICO

Sob este último título, lê-se na *Presse littéraire* de 15 de março de 1854 o artigo seguinte, assinado por *Émile Deschamps*:

“Se o homem só acreditasse no que compreende, não acreditaria em Deus, nem em si mesmo, nem nos astros que rolam sobre sua cabeça, nem na erva que cresce sob seus pés.

“Milagres, profecias, visões, fantasmas, prognósticos, pressentimentos, coincidências sobrenaturais, etc., que se deve pensar de tudo isto? Os espíritos fortes saem dessa enrascada com duas palavras: *mentira* ou *acaso*. Nada mais cômodo. As almas supersticiosas saem-se bem, ou não se saem. Prefiro muito mais essas almas àqueles espíritos. Com efeito, é preciso ter imaginação para que se possa tê-la doente, ao passo que basta ser eleitor e assinante de dois ou três jornais industriais para saber muito sobre isto e crer tão pouco quanto Voltaire. E, depois, prefiro a loucura à tolice, a superstição à incredulidade; mas, o que prefiro acima de tudo é a verdade, a luz, a razão; busco-as com uma fé viva e um coração sincero; examino todas as coisas e tomo o partido de não ter preconceito por coisa alguma.

“Vejam. Quê! o mundo material e visível está cheio de mistérios impenetráveis, de fenômenos inexplicáveis, e não se haveria de querer que o mundo intelectual, que a *vida da alma*, que já é um milagre, também tivessem seus fenômenos e seus mistérios!

Por que tal pensamento bom, tal fervorosa prece, tal outro desejo não teriam o poder de produzir ou suscitar certos acontecimentos, bênçãos ou catástrofes? Por que não existiriam causas morais, como existem causas físicas, das quais não nos damos conta? E por que *os germes de todas as coisas* não seriam depositados e fecundados *na terra do coração e da alma*, para despontarem mais tarde sob a forma palpável dos fatos? Ora, quando Deus, em raras circunstâncias, e para alguns de seus filhos, julga por bem levantar a ponta do véu eterno e espalhar sobre suas fronteiras um raio fugidivo do archote da presciência, devemos abster-nos de gritar que é absurdo e, assim, de blasfemar contra a luz e a própria verdade.

“Eis uma reflexão que tenho feito muitas vezes: Foi dado às aves e a certos animais prever e anunciar a tempestade, as inundações, os terremotos. Diariamente os barômetros nos dizem o tempo que fará amanhã; e o homem não poderia, por meio de um sonho, de uma visão, de um sinal qualquer da Providência, ser advertido algumas vezes de algum acontecimento futuro, que interesse à sua alma, à sua vida, à sua eternidade? Então o Espírito também não tem a sua atmosfera, cujas variações possa pressentir? Enfim, seja qual for a miséria do maravilhoso neste século muito positivo, haveria ainda charme e utilidade em suprimi-lo, se todos aqueles que lhe refletem fracos clarões levassem a um foco comum todos esses raios divergentes; se cada um, depois de ter conscienciosamente interrogado suas recordações, redigisse de boa-fé e depositasse nos arquivos uma ata circunstanciada do que experimentou, do que lhe adveio de sobrenatural e de miraculoso. Talvez um dia se encontre alguém que, analisando os sintomas e os acontecimentos, consiga recompor, em parte, *uma ciência perdida*. Em todo o caso, comporia um livro que valeria muitos outros.

“Quanto a mim, aparentemente sou o que se chama uma pessoa impressionável, porque tive de tudo isto em minha vida, aliás tão obscura. Sou o primeiro a apresentar o meu tributo,

convicto de que esta visão interior tem sempre uma espécie de interesse. Todo o maravilhoso que vos dou, leitores, por menor que seja, passou-se em minha vida real. Desde que sei ler, registro no papel tudo quanto me acontece de sobrenatural. São memórias de um gênero singular.

.....

“No mês de fevereiro de 1846 eu viajava pela França. Chegando a uma rica e grande cidade, fui dar um passeio em frente às belas lojas de que está repleta. Começou a chover; abriguei-me numa elegante galeria; de repente fiquei imóvel; meus olhos não conseguiam desviar-se da figura de uma jovem, sozinha atrás de uma vitrina de jóias. Conquanto muito bela, não foi sua beleza que me fascinou. Não sei que interesse misterioso, que laço inexplicável dominava e prendia todo o meu ser. Era uma simpatia súbita e profunda, sem qualquer conotação sensual, mas de uma força irresistível, como o *desconhecido* em todas as coisas. Fui empurrado como uma máquina para a loja, por um poder sobrenatural. Comprei alguns pequenos objetos e paguei, dizendo: Obrigado, senhorita *Sara*. A jovem olhou-me com um ar algo surpreso. – É de causar admiração, continuei, que um estranho saiba o vosso nome, um dos vossos nomes; mas se quiserdes *pensar atentamente em todos os vossos nomes*, eu os direi sem vacilar. Faríeis isto? – Sim, senhor, respondeu ela, meio risonha, meio trêmula. – Pois bem! continuei, *olhando-a fixamente no rosto*, chamai-vos *Sara, Adèle, Benjamine N...* – Está certo, replicou ela; e depois de alguns segundos de estupor começou a rir livremente, e eu vi que ela pensava que eu tivesse obtido tais informações na vizinhança, o que me divertiu. Mas eu, convicto de que não sabia uma palavra de tudo isso, fiquei perplexo com esta adivinhação instantânea.

“No dia seguinte, e em muitos outros, acorri à bela loja; minha adivinhação se renovava a cada momento. Eu lhe pedia que pensasse em algo, sem mo dizer, e quase imediatamente eu lia em

sua face o pensamento não explicado. Pedia-lhe que escrevesse, sem que eu visse, algumas palavras com o lápis; depois de olhá-la um minuto, eu escrevia as mesmas palavras e na mesma ordem. Lia no seu pensamento como num livro aberto e ela não lia no meu: eis a minha superioridade. Mas ela me impunha suas idéias e emoções. Se pensasse seriamente num objeto; se repetisse intimamente as palavras do escrito, logo eu adivinhava tudo. O mistério estava entre o seu e o meu cérebro, e não entre minhas faculdades de intuição e as coisas materiais. Seja como for, havia-se estabelecido entre nós uma relação tanto mais íntima quanto mais pura.

“Uma noite escutei junto ao ouvido uma forte voz, que me gritava: Sara está doente, muito doente! Corri à sua casa; um médico a velava e esperava uma crise. Na véspera à noite Sara tinha voltado com febre ardente; o delírio tinha continuado durante toda a noite. O médico chamou-me à parte e me disse que estava muito receoso. Dessa peça eu via em cheio o rosto de Sara e minha intuição, vencendo a inquietação, fez com que eu dissesse baixinho ao médico: Doutor, quereis saber de que imagens está ocupado o seu sono febril? Neste momento ela se crê na grande Ópera de Paris, onde jamais estive, e uma dançarina, entre outras ervas, corta uma planta de cicuta e lha atira dizendo: É para ti. O médico pensou que eu delirasse. Alguns minutos depois a doente despertou pesadamente e suas primeiras palavras foram: ‘Oh! como a Ópera é bonita! mas, por que esta cicuta, que me atira a bela ninfa?’ O médico ficou estupefato. Uma poção, que incluía cicuta, foi administrada a Sara que, em poucos dias, ficou curada.”

Os exemplos de transmissão do pensamento são muito freqüentes, não, talvez, de maneira tão característica quanto no fato acima, mas sob formas diversas. Quantos fenômenos assim se passam diariamente aos nossos olhos, que são como os fios condutores da vida espiritual, e aos quais, no entanto, a Ciência não se digna conceder a menor atenção! Por certo, nem todos os que os repelem são materialistas; muitos admitem uma vida espiritual, mas

sem relações diretas com a vida orgânica. No dia em que essas relações forem reconhecidas como lei fisiológica, ver-se-á realizar-se um imenso progresso, porquanto só então a Ciência terá a chave de uma porção de efeitos aparentemente misteriosos, que prefere negar, por não os poder explicar à sua maneira e com os seus meios, limitados às leis da matéria bruta.

Ligação íntima da vida espiritual e da vida orgânica durante a existência terrena; destruição da vida orgânica e persistência da vida espiritual após a morte; ação do fluido perispiritual sobre o organismo; reação incessante do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente: tal é a lei que o Espiritismo vem demonstrar, e que abre à Ciência e ao homem moral, horizontes completamente novos.

Por qual lei da fisiologia puramente material poder-se-iam explicar os fenômenos do gênero do relatado acima? Para que o Sr. Deschamps pudesse ler tão claramente no pensamento da moça, era preciso um intermediário entre ambos, um laço qualquer. Quem bem refletir sobre o artigo precedente reconhecerá que esse laço é a irradiação fluídica, que dá a visão espiritual, visão que não é obstada pelos corpos materiais.

Sabe-se que os Espíritos não necessitam de linguagem articulada. Compreendem-se sem o auxílio da palavra, apenas pela transmissão do pensamento, que é a linguagem universal. Por vezes isto também se dá entre os homens, porque os homens são Espíritos encarnados e, por esta razão, gozam, em maior ou menor grau, dos atributos e das faculdades do Espírito.

Mas, então, por que a moça não lia o pensamento do Sr. Deschamps? Porque num a visão espiritual estava desenvolvida; no outro, não. Segue-se que ele pudesse ver tudo, ler nos espelhos espirituais, por exemplo, ou ver a distância, à maneira dos sonâmbulos? Não, porque sua faculdade podia estar desenvolvida

apenas num sentido especial, e parcialmente. Podia ler com a mesma facilidade o pensamento de todo o mundo? Não o diz, mas é provável que não, pois pode existir, de indivíduo a indivíduo, relações fluídicas que facilitam essa transmissão e não existir do mesmo indivíduo para uma outra pessoa. Ainda não conhecemos senão imperfeitamente as propriedades desse fluido universal, agente tão poderoso e que desempenha tão grande papel nos fenômenos da Natureza. Conhecemos o princípio, e já é muito para nos darmos conta de muitas coisas; os detalhes virão a seu tempo.

Tendo sido o fato acima comunicado à Sociedade de Paris, um Espírito deu a respeito a seguinte instrução:

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de julho de 1864 – Médium: Sr. A. Didier)

Os ignorantes – e como os há! – ficam cheios de dúvidas e de inquietação quando ouvem falar de fenômenos espíritas. Segundo eles, a face do mundo está transtornada; a intimidade do coração, dos sentimentos e a virgindade do pensamento são lançadas através do mundo e entregues à mercê do primeiro que vier. Com efeito, o mundo estaria mudado singularmente e a vida privada não estaria protegida atrás da personalidade de cada um, se todos os homens pudessem ler no espírito uns dos outros.

Um ignorante nos diz com muita ingenuidade: Mas a justiça, as perseguições da polícia, as operações comerciais, governamentais, poderiam ser consideravelmente revistas, corrigidas, esclarecidas, etc., com o auxílio desses processos. Os erros estão muito espalhados. A ignorância tem isto de particular: faz esquecer completamente o objetivo das coisas, para lançar o espírito inculto numa série de incoerências.

Razão tinha Jesus ao dizer: “Meu reino não é deste mundo”, o que também significava que neste mundo as coisas não se passam como no seu reino. O Espiritismo, que em tudo e por

tudo é o espiritualismo do Cristianismo, pode igualmente dizer aos ambiciosos e aos terroristas ignorantes, que o seu grande objetivo não é dar pilhas de ouro a um e deixar a consciência de um ser fraco à mercê de um ser mais forte, e de aliar a força e a fraqueza num duelo eternamente inevitável, prestes a acontecer; não. Se o Espiritismo proporciona satisfações, são as da calma, da esperança e da fé; se às vezes adverte por pressentimentos, ou pela visão adormecida ou desperta, é que os Espíritos sabem perfeitamente que uma ação caridosa particular não transtornará a superfície do globo. Aliás, se se observar a marcha dos fenômenos, o mal aí tem uma parte mínima. A ciência funesta parece relegada nos alfarrábios dos velhos alquimistas, e se Cagliostro voltasse, certamente não viria armado da varinha mágica ou do frasco encantado com que se apresentava, mas com sua força elétrica, comunicativa, espiritualista e sonambúlica, força que todo ser superior possui em si e que, ao mesmo tempo, toca o coração e o cérebro.

Como eu dizia ultimamente (o Espírito faz alusão a outra comunicação), a adivinhação era o maior dom de Jesus. Destinados a se tornarem superiores, como Espíritos, pedimos a Deus uma parte dos raios que concedeu a certos seres privilegiados, que facultou a mim mesmo e que eu poderia ter espalhado mais judiciosamente.

Mesmer

Observação – Não há uma só das faculdades concedidas ao homem da qual este não possa abusar, em virtude de seu livre-arbítrio. Não é a faculdade que é má em si, mas o uso que dela se faz. Se os homens fossem bons, nenhuma seria de temer, porque ninguém as usaria para o mal. No estado de inferioridade em que ainda se acham os homens na Terra, a penetração do pensamento, se fosse geral, seria, talvez, uma das mais perigosas, porque se tem muito a esconder, e muitos podem abusar. Mas, sejam quais forem os inconvenientes, se ela existe é um fato que se deve aceitar, por

bem ou por mal, pois não se pode suprimir um efeito natural. Deus, porém, que é soberanamente bom, mede a extensão dessa faculdade pela nossa fraqueza. Ele no-la mostra de vez em quando, para fazer-nos compreender melhor a nossa essência espiritual e nos advertir de trabalhar a nossa depuração, para não termos de temê-la.

O Espiritismo na Bélgica

Cedendo às insistentes solicitações de nossos irmãos espíritas de Bruxelas e de Antuérpia, fizemos-lhes uma rápida visita este ano e temos a satisfação de dizer que trouxemos a mais favorável impressão do desenvolvimento da doutrina naquele país. Ali encontramos maior número de adeptos do que esperávamos, devotados e esclarecidos. A acolhida simpática que nos foi feita naquelas duas cidades deixou-nos uma lembrança que jamais se apagará, e contamos os momentos ali passados no número dos mais agradáveis para nós. Não podendo enviar nossos agradecimentos a cada um em particular, gostaríamos que os recebessem aqui coletivamente.

Retornando a Paris, encontramos uma mensagem dos membros da Sociedade Espírita de Bruxelas, a qual nos tocou profundamente. Conservamo-la preciosamente como um testemunho de sua simpatia, mas eles compreenderão facilmente os motivos que nos impedem de publicá-la em nossa *Revista*. Entretanto, há uma passagem que nos impõe o dever de levar ao conhecimento de nossos leitores, porque o fato revelado diz mais que longas frases sobre a maneira pela qual certas pessoas compreendem o objetivo do Espiritismo. Está assim concebida:

“Comemorando vossa viagem à Bélgica, nosso grupo decidiu fundar um leito de criança na creche de Saint Josse Tennoode.”

Para nós, nada podia ser mais lisonjeiro do que semelhante testemunho. A fundação de uma obra de beneficência, em memória de nossa visita, é uma prova de grande estima, que nos honra muito mais do que as mais brilhantes recepções que pudessem lisonjear o amor-próprio de quem lhe é objeto, mas a ninguém aproveitam e não deixam qualquer traço útil.

Antuérpia se distingue por um maior número de adeptos e de grupos. Mas lá, como em Bruxelas e, aliás, em toda parte, os que participam de reuniões de certo modo oficiais e regularmente constituídas, estão em minoria. As relações sociais e as opiniões emitidas nas conversas provam que as simpatias pela doutrina se estendem muito além dos grupos propriamente ditos. Se nem todos os habitantes são espíritas, ali a idéia não encontra oposição sistemática; dela se fala como de uma coisa natural e não riem. Como os adeptos, em geral, pertencem ao alto comércio, nossa chegada foi novidade na bolsa e monopolizou a conversação, sem mais importância do que se se tratasse da chegada de uma carga de mercadorias.

Vários grupos são compostos de número limitado de membros e se designam por um título especial e característico; é assim que um se intitula: *A Fraternidade*, outro *Amor e Caridade*, etc. Acrescentemos que esses títulos não são para eles insígnias banais, mas divisas que se esforçam por justificar.

O grupo *Amor e Caridade*, por exemplo, tem por objetivo especial a caridade material, sem prejuízo das instruções dos Espíritos, que, de certo modo, constituem a parte acessória. Sua organização é muito simples e dá excelentes resultados. Um dos membros tem o título de *esmoler*, nome que corresponde perfeitamente às suas funções de distribuir socorros a domicílio; por diversas vezes os Espíritos já indicaram nomes e endereços de pessoas necessitadas. O nome *esmoler* voltou, assim à sua significação primitiva, da qual se havia singularmente desviado.

Esse grupo possui um médium típtólogo excepcional e dele faremos objeto de um artigo especial.

Aqui só fazemos constatar os bons elementos, que fazem bem augurar do Espiritismo nesse país, onde só há pouco criou raízes, o que não quer dizer que certos grupos dali não tenham tido, como em outros lugares, desavenças e decepções inevitáveis, quando se trata do estabelecimento de uma idéia nova. No começo de uma doutrina, sobretudo tão importante quanto o Espiritismo, é impossível que todos os que se declaram seus partidários lhe compreendam o alcance, a gravidade e as conseqüências. Deve-se, pois, esperar desvios da rota em pessoas que só lhe vêem a superfície, ambições pessoais, aquelas para quem o Espiritismo é mais um meio que uma sincera convicção, sem falar de gente que toma todas as máscaras para se insinuar, visando a servir os interesses dos adversários; porque, assim como o hábito não faz o monge, o nome de espírita não faz o verdadeiro espírita. Mais cedo ou mais tarde esses espíritas fracassados, cujo orgulho ficou vivaz, causam nos grupos atritos penosos e suscitam entraves, dos quais sempre se triunfa com perseverança e firmeza. São provações para a fé dos espíritas sinceros.

A homogeneidade e a comunhão de pensamentos e sentimentos são, para os grupos espíritas, como para quaisquer outras reuniões, a condição *sine qua non* de estabilidade e de vitalidade. É para tal objetivo que devem tender todos os esforços, e compreende-se que é tanto mais fácil atingi-lo quanto menos numerosas as reuniões. Nas grandes reuniões é quase impossível evitar a intromissão de elementos heterogêneos que, mais cedo ou mais tarde, aí semeiam a cizânia. Nas pequenas reuniões, onde todos se conhecem e se estimam, onde se está como em família, o recolhimento é maior, a intrusão dos mal-intencionados mais difícil. A diversidade dos elementos de que se compõem as grandes reuniões torna-as, por isso mesmo, mais vulneráveis à surda intriga dos adversários.

É preferível, pois, que haja numa cidade cem grupos de dez a vinte adeptos, dos quais nenhum se arroga a supremacia sobre os outros, a uma sociedade única, que reunisse todos os partidários. Esse fracionamento em nada prejudicará a unidade dos princípios, desde que a bandeira seja única e todos marchem para o mesmo objetivo. É o que parece ter sido perfeitamente compreendido por nossos irmãos de Antuérpia e de Bruxelas.

Em síntese, nossa viagem à Bélgica foi fértil em ensinamentos no interesse do Espiritismo, pelos documentos que recolhemos e que serão, oportunamente, postos em proveito de todos.

Não esquecemos uma das mais honrosas menções ao grupo espírita de Douai, que visitamos de passagem, e um particular testemunho de gratidão pela acolhida que ali nos dispensaram. É um grupo familiar, onde a doutrina espírita evangélica é praticada em toda a sua pureza. Ali reinam a mais perfeita harmonia, a benevolência recíproca, a caridade em pensamentos, palavras e ações; ali se respira uma atmosfera de fraternidade patriarcal, isenta de eflúvios malfazejos, onde os Espíritos bons devem comprazer-se tanto quanto os homens; por isso, as comunicações retratam a influência desse meio simpático. Deve-se à sua homogeneidade e aos escrupulosos cuidados nas admissões, jamais haver sido perturbado por dissensões e desavenças por que os outros sofreram; é que todos os que dele fazem parte são espíritas de coração e nenhum procura fazer prevalecer a sua personalidade. Os médiuns aí são relativamente muito numerosos; todos se consideram como simples instrumentos da Providência, isentos de orgulho, sem pretensões pessoais, e se submetem humildemente e sem melindres ao julgamento sobre as comunicações que recebem, prontos a destruí-las se forem consideradas más.

Um poema encantador foi obtido em nossa intenção e após a nossa partida. Agradecemos ao Espírito que o ditou e ao seu

intérprete; conservamo-lo como preciosa lembrança. São desses documentos que não podemos publicar e que só aceitamos a título de incentivo.

Temos a satisfação de dizer que esse grupo não é o único nestas condições favoráveis e de ter podido constatar que as reuniões verdadeiramente sérias, aquelas em que cada um procura melhorar-se, de onde a curiosidade foi banida, as únicas que merecem a qualificação de *espíritas*, multiplicam-se diariamente. Oferecem em pequena escala o que poderá vir a ser a sociedade, quando o Espiritismo, bem compreendido e universalizado, formar a base das relações mútuas. Então os homens nada mais terão a temer uns dos outros; a caridade fará reinar entre eles a paz e a justiça. Tal será o resultado da transformação que se opera, cujos efeitos a geração futura começará a sentir.

Tiptologia Rápida e Inversa

Dissemos que um dos grupos espíritas de Antuérpia possui um médium tiptólogo dotado de uma faculdade especial. Eis em que ela consiste.

A indicação das letras se faz por meio de batidas do pé da mesinha, mas com uma rapidez que quase alcança a da escrita e tal que os que as escrevem por vezes têm dificuldade de acompanhar; os golpes se sucedem como os do telégrafo elétrico em ação. Vimos fazer um ditado de vinte linhas em menos de quinze minutos. Mas, sobretudo, o que é singular é que o Espírito dita quase sempre ao avesso, começando pela última letra. Pelo mesmo processo o médium obtém respostas a perguntas mentais e em línguas que lhe são estranhas. O médium também é psicógrafo e, neste caso, escreve igualmente pelo avesso com a mesma facilidade. A primeira vez que se produziu o fenômeno, os assistentes, não encontrando sentido nas letras recolhidas,

pensaram numa mistificação; só depois de atenta observação é que descobriram o sistema empregado pelo Espírito. Talvez não passe de uma fantasia deste último; mas, como todas as suas comunicações são muito sérias, deve-se concluir que, no caso, há uma intenção séria.

Independentemente da rapidez com a qual os golpes se sucedem, a maneira de proceder ainda torna muito mais breve a operação. Servem-se de uma mesinha de três pés; o alfabeto é dividido em três séries: a 1^a, do *a* ao *b*; a 2^a do *i* ao *p*; a 3^a do *q* ao *z*. Cada pé da mesinha corresponde a uma série de letras e bate o número de golpes necessários para designar a letra desejada, começando pela primeira da série. Por exemplo: para indicar o *t*, em vez de 20 batidas o pé encarregado da 3^a série apenas bate 4. Três pessoas se posicionam junto à mesinha, uma para cada pé, enunciando a letra indicada em sua série, que, para ela, é um pequeno alfabeto, sem que tenha de se preocupar com as outras. Várias pessoas inscrevem as letras à medida que são indicadas, a fim de poder controlar, em caso de erro. O hábito de ler pelo avesso muitas vezes lhes permite adivinhar o fim de uma palavra ou de uma frase começada, como se faz no processo ordinário; o Espírito confirma, se for o caso, e passa adiante.

Esta divisão das letras, aliada à cooperação de três pessoas que não se podem entender, à rapidez do movimento e à indicação das letras em sentido inverso, torna a fraude materialmente impossível, bem como a reprodução do pensamento individual. A palavra *reproduction* (reprodução), por exemplo, será, então, escrita desta maneira: *noitcudorper*, e terá sido soletrada por três pessoas diferentes em alguns segundos, a saber: *noi* pela 2^a, *t* pela 3^a; *c* pela 1^a; *u* pela 3^a; *d* pela 1^a; *o* pela 2^a; *r* pela 3^a; *p* pela 2^a; *e* pela 1^a; *r* pela 3^a.

De todos os aparelhos imaginados para constatar a independência do pensamento do médium, nenhum supera este processo. É verdade que, para isto, é necessária a influência de um

médium especial, porque as duas pessoas que o assistem não são responsáveis pela rapidez do movimento.

Este processo, em última análise, só tem utilidade real para a convicção de certas pessoas, e como constatação de um fenômeno mediúnico notável, porquanto nada pode suprir a facilidade das comunicações escritas.

Um Criminoso Arrependido²⁴

Durante a visita que acabamos de fazer aos espíritas de Bruxelas, deu-se o seguinte fato em nossa presença, numa reunião íntima de sete ou oito pessoas, a 13 de setembro.

Solicitou-se a uma senhora médium que escrevesse, sem que se tivesse feito qualquer evocação especial. Assaltada por extraordinária agitação, e depois de haver rasurado violentamente o papel, escreve em caracteres muito grossos estas palavras:

“Arrependo-me! arrependo-me! Latour.”

Surpreendidos com a inesperada comunicação, de modo algum provocada, visto que ninguém pensara nesse infeliz, cuja morte até então era ignorada por uma parte dos assistentes, dirigimos ao Espírito palavras de conforto e comiseração, fazendo-lhe em seguida esta pergunta:

– Que motivo vos levou a manifestar-vos aqui, de preferência a outro lugar, quando não vos evocamos?

Responde o médium de viva voz:

“Vi que, almas compassivas, teríeis piedade de mim, ao passo que outros me evocavam mais por curiosidade que por caridade, ou de mim se afastavam horrorizados.”

24 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo VI (Jacques Latour).

Depois começou por uma cena indescritível, que não durou mais de meia hora. O médium, juntando os gestos e a expressão da fisionomia à palavra, deixava patente a identificação do Espírito com a sua pessoa; às vezes, esses gestos de cruel desespero desenhavam vivamente o seu sofrimento; o tom da sua voz era tão compungido, as súplicas tão veementes, que ficávamos profundamente comovidos. Alguns estavam mesmo aterrorizados com a superexcitação do médium, mas sabíamos que a manifestação de um ente arrependido, que implora piedade, nenhum perigo poderia oferecer. Se ele buscou os órgãos do médium, é que melhor desejava patentear a sua situação, a fim de que mais nos interessássemos pela sua sorte, e não como os Espíritos obsessores e possesores, que visam apoderar-se dos médiuns para os dominar. Tal manifestação lhe fora talvez permitida não só em benefício próprio, como também para edificação dos circunstantes.

Ei-lo a exclamar:

“Oh! sim, piedade... muito necessito dela... Não sabeis o que sofro... Não o sabeis, e não podereis compreendê-lo. É horrível! A guilhotina!... Que vale a guilhotina comparada a este sofrimento de agora? Nada! – é um instante. Este fogo que me devora, sim, é pior, porque é uma morte contínua, sem tréguas nem repouso... sem-fim!... E as minhas vítimas, ali estão ao redor, a mostrar-me os ferimentos, a perseguir-me com seus olhares...

“Aí estão, e vejo-as todas... todas... sem poder fugir-lhes! E este mar de sangue?! E este ouro manchado de sangue? Tudo aí está!... tudo... e sempre ante meus olhos! E o cheiro de sangue... Não o sentis? Oh! Sangue e sempre sangue! Ei-las que imploram, as pobres vítimas, e eu a feri-las sempre... sempre... impiedosamente!... O sangue inebria-me... Acreditava que depois da morte tudo estaria

terminado, e assim foi que afrontei o suplício e afrontei o próprio Deus, renegando-O!... Entretanto, quando me julgava aniquilado para sempre, que terrível despertar... oh! sim, terrível, cercado de cadáveres, de espectros ameaçadores, os pés atolados em sangue!!... Acreditava-me morto, e estou vivo! Vivo para rever tudo isto! para o ver incessantemente!... Horrendo! horrendo! mais horrendo que todos os suplícios da Terra! Ah! se todos os homens pudessem saber o que há para além da vida, saberiam também quanto custam as conseqüências do mal! Certo não haveria mais assassínios, nem criminosos, nem malfeitores! Eu só quisera que todos os assassinos pudessem ver o que eu vejo e sofro...

“Oh! então não mais o seriam, porque é horrível este sofrimento! Bem sei que o mereci, oh! meu Deus, porque também não tive compaixão das minhas vítimas; repelia as mãos súplices quando imploravam que as poupasse... Sim, fui cruel, decerto, matando-as covardemente para roubá-las! E fui ímpio, e fui blasfemo também, renegando o vosso sacratíssimo nome... *Quis enganar-me, porque eu queria persuadir-me de que vós não existíeis...* Meu Deus, eu sou grande e criminoso! Agora o compreendo. Mas... não tereis piedade de mim?... Vós sois Deus, isto é, a bondade, a misericórdia! Sois onipotente! Piedade, Senhor, Piedade! Eu vo-lo peço, não sejais inexorável; libertai-me destes olhares odiosos, destes espectros horríveis... deste sangue... das minhas vítimas... *olhares que, quais punhaladas, me varam o coração.*

“Vós outros, que aqui estais, que me ouvís, sede bondosos, almas caritativas. Sim, eu o vejo, sei que tendes piedade de mim, não é verdade? Haveis de orar por mim...

“Oh! eu vo-lo suplico, não me abandoneis como fiz outrora aos outros. Pedireis a Deus que me tire este horrendo espetáculo de ante os olhos, e Ele vos ouvirá porque sois bons... Imploro, orai por mim.”

Os assistentes, sensibilizados, dirigiram-lhe palavras de conforto e consolação. Deus, disseram-lhe, não é inflexível; apenas exige do culpado um arrependimento sincero, aliado à vontade de reparar o mal praticado. Uma vez que o vosso coração não está petrificado e que lhe pedis o perdão dos vossos crimes, a sua misericórdia baixará sobre vós. Preciso é, pois, que persevereis na boa resolução de reparar o mal que fizestes. Certo, não podeis restituir às vítimas as vidas que lhes arrancastes, mas, se o impetrardes com fervor, Deus permitirá que as encontreis em uma nova encarnação, na qual lhes podereis patentear tanto devotamento quanto o mal que lhes fizestes. E quando a reparação lhe parecer suficiente, para logo entrareis na sua santa graça. Assim, a duração do vosso castigo está nas vossas mãos, dependendo de vós o abreviá-lo. Comprometemo-nos a auxiliar-vos com as nossas preces e invocar para vós a assistência dos Espíritos bons. Vamos pronunciar em vossa intenção a prece que se contém na *Imitação do Evangelho*, referente aos Espíritos sofredores e arrependidos. Não pronunciaremos a que se refere aos Espíritos maus, porque desde que vos arrependeis, que implorais, que renunciáis ao mal, não passais para nós de um Espírito infeliz e não mau.

Feita essa prece, o Espírito continua, depois de breves instantes de calma:

“Obrigado, meu Deus!... Oh! obrigado! Tivestes piedade de mim... Eis que se afastam os espectros... Não me abandoneis, enviai-me os vossos Espíritos bons para me sustentarem... Obrigado...”

Depois desta cena o médium fica alquebrado, abatido, os membros lassos por algum tempo. A princípio, apenas tem vaga idéia do que se há passado, mas pouco a pouco vai-se lembrando de algumas das palavras que pronunciou sem querer, reconhecendo que não era ele quem falara.

No dia seguinte, em nova reunião, o Espírito tornou a manifestar-se, reencetando a cena da véspera, porém por minutos apenas, e isso com a mesma gesticulação expressiva, posto que menos violenta. Depois, tomado de agitação febril, escreveu:

“Grato às vossas preces. Experimento já uma sensível melhora. Foi tal o fervor com que orei, que Deus me concedeu um momentâneo alívio; não obstante, terei de ver ainda as minhas vítimas... Ei-las! Ei-las! Vedes este sangue?...” (Repetiu-se a prece da véspera. O Espírito continua dirigindo-se ao médium.)

“Perdoai o ter-me apossado de vós. Obrigado pelo alívio que proporcionais aos meus sofrimentos. Perdoai o mal que vos causei, mas eu tenho necessidade de me comunicar, e só vós o podeis...

“Obrigado! obrigado! Já sinto algum alívio, posto não tenha atingido o fim das provações. As minhas vítimas voltarão dentro em breve. Eis a punição a que fiz jus, mas Deus meu, sede indulgente.

“Orai todos vós por mim, tende piedade.”

Latour

Observação – Conquanto não tenhamos prova material da identidade do Espírito que se manifestou, também não temos motivo para duvidar. Em todo o caso, evidentemente é um Espírito muito culpado, mas arrependido, terrivelmente infeliz e torturado pelo remorso. Sob este aspecto, a comunicação é muito instrutiva, porque não se pode menosprezar a profundidade e o elevado alcance de algumas palavras que ela encerra; além disso, oferece um dos aspectos do mundo dos Espíritos castigados, acima do qual, entretanto, se vislumbra a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica das Eumênides não é, assim, tão ridícula quanto se pensa, e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, que os

substituem na crença moderna, são menos racionais, com seus chifres e seus tridentes, do que essas vítimas, elas próprias servindo para o castigo do culpado.

Admitindo a identidade desse Espírito, talvez se admirem de uma mudança assim tão imediata em seu estado moral. É que, como fizemos notar em outra ocasião, muitas vezes há mais recursos num Espírito brutalmente mau, do que no que é dominado pelo orgulho, ou que oculta seus vícios sob o manto da hipocrisia. Este pronto retorno a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem que perversa, à qual só faltou uma boa direção. Comparando sua linguagem com a de outro criminoso, citado na *Revista* de julho de 1864, sob o título de: *Castigo pela luz*, é fácil ver qual dos dois é mais adiantado moralmente, a despeito da diferença de instrução e de posição social; um obedecia a um instinto natural de ferocidade, a uma espécie de superexcitação, enquanto o outro trazia na perpetração de seus crimes a calma e o sangue-frio de lenta e perseverante combinação e, depois da morte, ainda afrontava o castigo com orgulho. Sofre, mas não quer submeter-se, ao passo que o outro é domado imediatamente. Assim, pode prever-se qual dos dois sofrerá por mais tempo.

Estudos Morais

A VOLTA DA FORTUNA

Lê-se no *Siècle* de 5 de junho de 1864:

“O Sr. X..., berlinense, possuía imensa fortuna. Seu pai, ao contrário, em conseqüência de vários reveses, tinha caído em extrema miséria e se vira forçado a recorrer à generosidade do filho. Este repeliu duramente a súplica do ancião que, para não morrer de fome, teve de recorrer à intervenção da justiça. O Sr. X... foi condenado a fornecer ao pai uma pensão alimentar. Mas, antes,

havia tomado suas precauções: prevendo que parte de seus rendimentos poderia ser confiscada, caso se recusasse a pagar a pensão, resolveu ceder a fortuna a um tio paterno.

“O infeliz pai viu-se privado de sua última esperança. Protestou que a cessão era fictícia e que o filho tinha recorrido a ela para escapar à execução da sentença. Mas teria que o provar; o velho, porém, não dispunha de condições para intentar um processo custoso, já que lhe faltavam as coisas essenciais à vida.

“Um acontecimento imprevisto veio mudar tudo. O tio morreu subitamente, sem deixar testamento. Como não tivesse família, a fortuna reverteu, de direito, ao parente mais próximo, isto é, ao seu irmão.

“Compreende-se o resto. Hoje os papéis estão invertidos. O pai está rico e o filho pobre. O que, sobretudo, deve aumentar o desespero deste último é que não pode invocar o fato de uma cessão fictícia, pois a lei interdita formalmente esse gênero de transação.”

Dir-se-ia que se sempre fosse assim com o mal, melhor seria compreendida a justiça do castigo; sabendo o culpado por que é punido, saberia do que se deve corrigir.

Os exemplos de castigos imediatos são menos raros do que se pensa. Se se remontasse à fonte de todas as vicissitudes da vida, ver-se-ia, aí, quase sempre, a conseqüência natural de alguma falta cometida. A cada instante recebe o homem terríveis lições, das quais, infelizmente, bem poucos tiram proveito. Enceguecido pela paixão, não vê a mão de Deus, que o fere; longe de acusar-se por seus próprios infortúnios, põe a culpa na fatalidade e na má sorte; irrita-as muito mais do que se arrepende. Aliás, não nos surpreenderíamos se o filho, do qual se fala acima, em vez de ter reconhecido seus erros para com o pai, em lugar de lhe ter dispensado melhores sentimentos, passasse a lhe dedicar maior

animosidade. Ora, o que pede Deus ao culpado? O arrependimento e a reparação *voluntária*.

Para o animar a isto multiplica à sua volta, durante a vida inteira, todas as formas de advertências: desgraças, decepções, perigos iminentes; numa palavra, tudo o que é próprio a fazê-lo refletir. Se, a despeito disto, seu orgulho resiste, não é justo que seja punido mais tarde? É grave erro pensar que o mal possa ficar impune, uma ou outra vez, na vida atual. Se se soubesse tudo quanto acontece ao mau, aparentemente o mais próspero, ficar-se-ia convencido da verdade de que não há uma única falta nesta vida, uma só inclinação má, dizemos mais, um só mau pensamento que não tenha sua contrapartida. Daí a consequência que, se o homem aproveitasse os avisos que recebe, se se arrependesse e reparasse desde esta vida, teria satisfeito à justiça de Deus e não mais teria de expiar, nem de reparar, seja no mundo dos Espíritos, seja em nova existência. Se há, pois, os que nesta vida sofrem o passado de sua precedente existência, é que devem pagar uma dívida que não saldaram. Se o filho em questão morrer na impenitência, sofrerá, primeiramente, no mundo dos Espíritos, o castigo do remorso; sofrerá moralmente o que fez sofrer materialmente; será um Espírito infeliz, porque terá violado a lei que lhe dizia: Honra teu pai e tua mãe. Mas Deus, que é soberanamente bom e, ao mesmo tempo, soberanamente justo, permitirá que ele reencarne para reparar; talvez lhe dê o mesmo pai e, em sua bondade, lhe poupe a humilhante lembrança do passado; mas o culpado trará consigo a intuição das resoluções que tiver tomado, a vontade de fazer o bem, ao invés do mal; será a voz da consciência que lhe ditará a conduta. Depois, quando retornar ao mundo dos Espíritos, Deus lhe dirá: Vem a mim, meu filho, tuas faltas estão apagadas. Mas, se falhar nessa nova prova, terá de recomeçar, até que se tenha despojado inteiramente do homem velho.

Deixemos, pois, de ver nas misérias que sofremos pelas faltas de uma existência anterior um mistério inexplicável e

digamos que de nós depende evitá-las, obtendo nosso perdão desde esta vida. Depois de saldar nossas dívidas, Deus não nos fará pagá-las segunda vez; mas se permanecermos surdos às suas advertências, então exigirá até o último ceitel, ainda que após vários séculos ou milhares de anos. Para isto não exige vãos simulacros, mas a reforma radical do coração. A morada dos eleitos só é aberta aos Espíritos purificados; qualquer mácula lhes interdita o acesso. Cada um pode pretendê-lo; compete a todos fazer o que a isto for necessário e lá chegar, mais cedo ou mais tarde, conforme seus esforços e sua vontade. Mas jamais dirá Deus a alguém: Não te purificarás!

UMA VINGANÇA

Escrevem de Marselha:

“O Sr. X..., um dos mais distintos negociantes de nossa cidade e por todos estimado, acaba de dar um tiro de pistola no vigário de Saint-Barnabé. Segunda-feira última o Sr. X... ficou sabendo, através de uma carta anônima, que sua esposa mantinha relações íntimas com aquele padre. Deram-lhe os mais minuciosos detalhes, que não deixavam margem a dúvidas quanto à magnitude de sua infelicidade. Chegou em casa, fez um inquérito junto aos empregados: camareira, criados, jardineiro, cocheiro, etc; todos confessaram o que sabiam. A intriga já durava quinze meses. O Sr. X... era alvo da zombaria de todo o quarteirão e o único a não suspeitar de coisa alguma. Foi depois desse inquérito que atirou contra o vigário.” (*Siècle* de 7 de junho de 1864.)

Quem é mais culpado neste triste caso? A mulher, o marido ou o padre? A mulher que, seduzida por piedosos sofismas, provavelmente se julgava desculpada pelo quilate do cúmplice e se tranqüilizara pela esperança de uma absolvição fácil? O marido que, cedendo a uma reação de indignação, não pôde dominar sua cólera? Ou o padre que, de sangue-frio, com premeditação, violou seus

votos, abusou de seu caráter, iludiu a confiança para lançar a desordem, o desespero e a desunião numa família honrada? A consciência pública pronunciou o seu veredicto. Mas, excetuando-se o fato material, há considerações da mais alta gravidade.

Uma filosofia de consciência elástica poderia, talvez, encontrar uma desculpa no arrastamento das paixões e se limitasse a censurar os votos imprudentes. Admitamos, se quiserem, não uma escusa, mas uma circunstância atenuante aos olhos dos homens carnis e não ficará menos um abuso de confiança e do ascendente que o culpado hauria de sua qualidade; o fascínio que exercia sobre a vítima, protegido no seu hábito sagrado: aí está a falta, aí está o crime que, se não fosse punido pela justiça dos homens, sê-lo-ia certamente pela de Deus.

Ora, quinze meses eram mais que suficientes para dar-lhe tempo de refletir e de voltar ao sentimento de seus deveres. Que fazia ele no intervalo? Ensinava à juventude as verdades da religião; pregava as virtudes do Cristo, a castidade de Maria, a eternidade das penas contra os pecadores; absolvía ou retinha as faltas alheias, conforme seu próprio julgamento. E ele, o refratário aos mandamentos de Deus, que condenam o que ele fazia, era o dispensador infalível da inflexível severidade ou da misericórdia de Deus! É um caso isolado? Ah! a História de todos os tempos aí está a provar o contrário. Aqui fazemos abstração do indivíduo, para não ver senão um princípio que dá lugar à incredulidade e mina secretamente o elemento religioso. O poder absolutório do sacerdote, dizem, independe de sua conduta pessoal. Seja; não discutiremos este ponto, embora pareça estranho que um homem que, por suas infâmias, merece o inferno, possa abrir ou fechar as portas do paraíso a quem lhe aprouver, quando muitas vezes os excessos lhe tiram completamente a lucidez das idéias. Se o temor das penas eternas não detém na via do mal e na violação dos mandamentos de Deus aqueles que os preconizam, é que eles próprios nelas não crêem. A primeira condição para inspirar confiança seria pregar pelo exemplo.

Variedades

SOCIEDADE ALEMÃ DOS PESQUISADORES DE TESOUROS

Em vários jornais franceses e estrangeiros lê-se o artigo seguinte:

“Os espíritas acabam de recrutar novos adeptos na Alemanha. Um certo médico de Zittau, chamado Berthelen, autor de um opúsculo sobre as *mesas girantes*, organizou uma sociedade que se intitula: *Associação dos pesquisadores de tesouros*, e que tem por objetivo explorar o solo das localidades passíveis de conter tesouros enterrados. As operações da empresa são conduzidas por uma sonâmbula das mais lúcidas, Sra. Louise Ebermann, e começaram por escavações cotidianas, executadas em hora fixa, em meio a uma plantação de fumo, onde se acharia oculta a soma de 400.000 táleres (1.500.000 francos). A sociedade conta apenas sete ou oito membros participantes dos trabalhos e, até o momento, suas operações se limitam a fazer preces em comum e a revolver, com certo cerimonial, a terra retirada do solo, onde esperam descobrir o bendito tesouro.”

É realmente curioso ver o empenho de certos jornais em reproduzir tudo quanto, em sua opinião, possa lançar descrédito sobre o Espiritismo. O menor acontecimento infeliz ou ridículo, e ao qual, com ou seu razão, se acha associada a palavra *espírita*, é imediatamente repetida por toda parte, com variantes mais ou menos engenhosas, sem preocupação com a verdade. Até as pasquinadas mais inverossímeis são aceitas com uma seriedade verdadeiramente cômica. Com a aparição dos espectros nos teatros, todos repetem sem trégua que o Espiritismo foi a pique, e que os seus maiores truques foram, enfim, descobertos; é só um charlatão, um saltimbanco ou um ledor de buena-dicha julgarem por bem enfarpelar-se com o nome de espíritas e logo os adversários os assinalam como um dos representantes da doutrina. Que resultou de tudo isto? Repercussão do nome; daí o desejo de conhecer a

coisa; ridículo para os gracejadores, que falam levemente do que não sabem; ódio caído sobre os caluniadores e, em consequência, aumento do número de adeptos sérios, os únicos que contam entre os espíritas.

O artigo acima pertence à categoria de que acabamos de falar. O autor a si mesmo se desmente, dizendo que as pesquisas são feitas com o auxílio de uma sonâmbula das mais lúcidas; não é, pois, com o auxílio dos Espíritos. Em que se baseia para dizer que é uma associação de espíritas? Porque o fundador da sociedade escreveu um opúsculo sobre as mesas girantes, segue-se que seja espírita? De modo algum, porquanto, à época das mesas girantes ainda se estava no á-bê-cê da ciência; e, aliás, se ele conhecesse o Espiritismo, saberia que os Espíritos não podem favorecer nenhuma pesquisa de tal natureza.

Desde que se conhece o sonambulismo as criaturas o têm empregado na descoberta de tesouros, mas, até agora, ninguém conseguiu senão gastar dinheiro em escavações inúteis, como outrora os que procuravam a pedra filosofal. Predizemos a mesma sorte à nova empresa. Quando se soube que os Espíritos podiam comunicar-se, um primeiro pensamento, aliás muito natural, foi o de que eles pudessem servir utilmente às especulações de toda natureza; mas não tardou a se reconhecer que, neste ponto, só se obtinham mistificações. Para isto havia uma causa: foram os próprios Espíritos que a indicaram. Assim, não há hoje um só espírita esclarecido que perca seu tempo em perseguir tais quimeras, porque todos sabem que Deus não dá aos homens semelhante meio de enriquecer e, por esta razão, não permite aos Espíritos revelações deste gênero.

É, pois, abusivamente, que o autor do artigo colocou a associação alemã dos pesquisadores de ouro sob o patrocínio do Espiritismo. Não é entre os que só vêem nos Espíritos servos da ambição, da cupidez e dos interesses materiais que a doutrina

recruta seus adeptos, mas entre os que a consideram como uma causa de melhoramento moral.

Para mais ampla instrução a respeito, remetemos o leitor a *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXVI, *Perguntas que se podem fazer aos Espíritos*; nº 291, *Perguntas sobre os interesses morais e materiais*; nº 294, *Perguntas sobre as invenções e descobertas*; nº 295, *Perguntas sobre tesouros ocultos*.

UM QUADRO ESPÍRITA NA EXPOSIÇÃO DE ANTUÉRPIA

Durante nossa estada em Antuérpia, fomos visitar a exposição de pintura, onde admiramos obras verdadeiramente notáveis de pintores nacionais; ali vimos, com extremo prazer, figurar com muita honra dois quadros de nosso colega da Sociedade de Paris, Sr. Wintz, 63, rue de Clichy: *Retour des vaches* (A volta das vacas) e *Clair de Lune* (Luar). Mas o que particularmente nos chamou a atenção foi um gênero de pintura exposto num folheto sob o título de *Cena de interior de camponeses espíritas*. Num interior de fazenda, três indivíduos em costume flamengo, estão sentados em volta de um enorme cepo, sobre o qual põem as mãos, na atitude dos que fazem mover as mesas. Pela fisionomia atenta e concentrada, reconhece-se que levam a coisa a sério. Outras personagens, homens, mulheres e crianças, estão diversamente agrupadas, umas espreitando com ansiedade o primeiro movimento da enorme massa, outras sorrindo com um ar de cepticismo. Essa pintura, cuja execução tem o seu mérito, é original e verdadeira. Se excetuarmos o quadro *mediúnico* que, como tal, figurava na exposição de artes de Constantinopla (Vide a *Revista* de julho de 1863), é a primeira vez que o Espiritismo figura tão claramente confessado nas obras de arte. É um começo.

Allan Kardec